

ÉBANO

MARCIA ALVES DE FREITAS¹

Universidade da Grande Dourados
E-mail: marciafreitascont@gmail.com

De repente tomei consciência do fato de ser negra. Quando falo tomar consciência não falo de características físicas, mas sim do que tudo isso acarreta na vida de uma pessoa, como sentir a diferença de contato, de interação com colegas e professores, já que por ser filha única, sempre tivera sido tratada como a princesinha da casa. Incrível como, às vezes, a consciência óbvia de uma condição pode apenas vir a partir de momentos nos quais essa condição é posta à prova, e evidenciada por outros, e é triste também como isso nos atinge.

Ver outras meninas zombarem do meu cabelo crespo - do cabelo “ruim”, meninos dizendo ter nojo de mim, ser chamada de macaca, ‘Mussum’ e coisas do tipo me doíam demais, contudo minha mãe havia me ensinado que eu nunca deveria demonstrar medo ou dor, porque se isso eu fizesse, com certeza, essa maldade me atingiria de forma ainda mais profunda. Recordo bem da minha mãe falando: “Menina, não estou te criando para ser fraca!”

Lembro de me questionar intimamente e tentar buscar os motivos, ainda com a visão de uma criança, de por que eu era diferente das minhas amigas. Eu comparava tom de pele, cabelo, olhos, dorsos e palmas das mãos e o que eu via não me agradava. Na realidade não era o ser negra que me incomodava, era o ser ‘diferente’, era o ser tratada como pária, era não ser notada e quando notada, não ser bem quista. O julgamento quando adentrava um recinto, o afastar do outro quando sentava em um banco, a vergonha de caminhar no recreio, a desconsideração vinda da professora.

Recordo da minha mãe me levando ainda pequena a um salão clandestino onde havia uma mulher que, de posse de um pente quente e um creme de origem duvidosa, me assustava e enfeitiçava entre o medo de ser queimada e a beleza do cabelo liso e

1 Segundo lugar, categoria “Conto”, do 1º Concurso Literário da Revista Arredia, 2023.

solto, como os das minhas amigas. Por um momento eu poderia ser mais igual, ter um ponto a mais ‘positivo’ já me fazia feliz. A violência que vinha de quem mais me amava, para que eu não sofresse uma violência ainda maior daqueles que eu não conhecia.

A preocupação que um pouco qualquer de suor pudesse arruinar aquele trabalho todo que havia sido construído ao alisar o cabelo, o olhar de desaprovação das pessoas ao surgir a mais tênue curvatura na raiz, eram coisas que me afetavam e me faziam encolher diante da primeira observação negativa. Havia o julgamento pelo cabelo crespo, e o julgamento pelo cabelo alisado... pela cópia falha do estereótipo que eu entendia como o “bonito e certo”.

Não consigo me lembrar de grandes afetos por parte de minhas professoras (e olha que eu me esforçava para me encaixar, para agradar), não havia empatia, acolhimento, e, às vezes, sequer respeito. Me lembro também de assistir e ver essa mesma dor representada nos olhos de uma outra menina negra da minha sala, no entanto, nessa sala, éramos somente nós duas negras. Intimamente eu sabia que ela partilhava dos mesmos temores, das mesmas dúvidas, ela também sobrevivia das migalhas caídas de afeto.

Minha mãe me cobrava muito um bom desempenho em relação aos meus estudos, e enfatizava que eu tinha de ser melhor que as outras meninas para que fosse igual. Eu achava um absurdo ter que fazer mais, e melhor, para ter o mesmo. Como poderia ser isso? Como poderia haver justiça nisso? Todo esse preço por causa de um tom de pele?

Aos poucos, aquele corpo magricela tomou formas, o cabelo, antes sempre preso por tranças ou coques, agora, à base de um bom tratamento químico (que me ardiavam os olhos quando realizado) reluzia negro e cheio de brilho. Não era mais a macaca, era a ‘morena’. Muito daquilo que antes era tido como xingamento, se tornou qualidade. Aquela ‘bunda de tanajura’ agora era vista como curvas pelos meninos. A cintura fina, os seios fartos, a bunda arrebitada. Agora eu era admirada, uma admiração para a festa, não para a sala da sogra.

Os meus receios agora se reproduziam em medos alheios quando o garoto que se interessava por mim não sabia como me dizer que ‘talvez’ sua família fosse racista, que ‘talvez’ fosse melhor que eu não os conhecesse. Que ‘talvez’ fosse melhor irmos a um lugar menos popular, longe de onde pessoas conhecidas pudessem nos ver. Que ‘talvez’ fosse melhor que ele viesse a minha casa, não convinha sair...

A entrada na vida profissional não foi simples e o racismo, agora velado, cerrava portas e trazia desconforto. Por ser contadora, os testes que enfrentava não davam espaço para dúvidas quanto ao resultado. Se uma entrevista tinha sido boa, o teste profissional tinha sido um sucesso, apesar disso a apresentação ao gerente não havia sido convincente eu me perguntava sobre a minha postura ou sobre a condição de minha raça. A decepção (estampada no rosto do diretor branco), ao entrar em uma sala de diretoria para a entrevista final, a hesitação em apertar uma mão estendida, o sorriso descaradamente forçado. O nunca encontrar alguém negro, como o entrevistador.

A maldade das pessoas havia tecido em mim uma dura casca e eu sabia que meu refúgio e diferencial sempre seria o estudo. Atendendo a conselhos de minha mãe, e por experiência, aprendi que a instrução derrubava, ou pelo menos evitava, o racismo de combate. Estudei e me fiz notar. Vi que conforme me instruí e mudava, por conta da vida, meus convívios, as experiências racistas se amenizavam. Percebi nitidamente que a sociedade tolerava melhor o negro ‘estudado’ e financeiramente estável. Entendi enfim as falas de minha mãe: “Ah, então você acha que só fazer uma faculdade vai bastar? Experimente não ter algo a mais para ofertar, tem muita gente com faculdade por aí, e branca, viu!”. E tinha. Aprendi rápido a entender isso.

73

O sorrir convenientemente, a indiferença a muita coisa que vi, os ouvidos seletivos a muita coisa que ouvi, a rapidez na leitura de um ambiente e seus personagens, a prudência no falar e agir, foram habilidades que naturalmente foram se desenvolvendo. A superação diária de combates, me fortalecendo. O não acreditar, nem esperar pelo auxílio do outro sendo a minha verdade.

O tempo passou e por ironia do destino acabei por namorar um cidadão loiríssimo de olhos azuis, e aí, o racismo me mostrou sua cara mais feia. O episódio da apresentação aos meus sogros me traz lembranças inapagáveis. Ao estender a mão, ele a olhou com desprezo e enfatizou a ação de cruzar suas mãos às costas. Nesse mesmo dia, pois a ideia era um almoço em família, meu pretenso sogro gritou aos quatro ventos que não se sentaria à mesa com uma negra, isso não aconteceria de forma alguma na casa dele. Lembro de pedir a Deus um buraco para me enfiar, eu tive vergonha da minha existência... Acho que foi o momento em que senti essa loucura de racismo em seu apogeu. O que mais me assombrou foi a postura do, na época, meu namorado que pediu para que eu entendesse o pai dele ‘porque tinha sido criado assim’, contudo não teve a menor atitude para contestar a atitude do pai. Como houveram outras situações

similares, para me poupar de dores e evitar que eu me desgastasse ainda mais, achei melhor me afastar dessa família, mas mantive a relação com o indivíduo, o que resultou em uma gravidez.

Quando meu filho nasceu, revelou-se com a pele branca. Confesso que me vi aliviada por ele não precisar passar por muito do que eu passei. O ‘ser negra retinta’ me apresentou um mundo de dores, e eu não o queria como ‘um alvo’, vivenciando experiências similares às minhas.

A aceitação da criança por parte da família do pai foi surpreendente, visto que durante toda a gravidez não houve ajuda, ou pelo menos qualquer questionamento, a respeito de hospital, saúde e afins. Ainda hoje me pergunto: se meu filho tivesse nascido com o tom de pele semelhante ao meu, haveria a mesma aceitação?

Sendo mãe, essa questão de raça se tornou mais importante em minha vida e mostrar a ele a convivência entre uma família loira de olhos claros e outra negra, propondo que veja apenas pessoas, tentando excluir minhas dores, é o que me motiva. Eu sei, e ele também sabe, das dores do povo preto. Eu vejo, e ele também vê, as diferenças de tratamento, as diferenças de oportunidades. E hoje eu não digo nada. Eu o vejo enxergar o mundo, usando os seus e os meus olhos.

74

Ainda sou questionada quando apresentada numa escola nova como mãe do Pedro, e ele se revolta, mas aprendeu que há momentos para indagação e confronto e há momentos apenas para ignorar observações inoportunas.

Aos poucos a família do pai do meu filho aprendeu a me respeitar, e, embora eu ainda saiba que o racismo está lá, hoje há educação e tolerância de ambas as partes. Eu noto que há diferença daquilo que enfrentei quando entrei nessa família, mas eu sei que o racismo ainda vive.

Os episódios racistas que vivi moram na minha lembrança e pouca coisa me afeta de verdade. De tanto que já levei, pouca coisa me dói. As palavras antes ignoradas, hoje não são mais toleradas. Se vindas com furor, são retrucadas com o mesmo tom. Se vindas com a dúvida, visão limitada e educação como companheiras, encontram esclarecimento e calma. O que não há, é a ignorância a elas.

O corpo curvilíneo hoje tem medidas mais amplas, o cabelo antes alisado, agora mesclado de branco, exhibe seus caracóis e está tudo bem. Uso óculos que não são vaidade, tenho dores lombares e uma teimosa falta de memória, mas, me sinto bem como só o tempo pode nos deixar sentir.

Ainda existem dificuldades por ser preta, no entanto não há nenhum receio, somente lembranças, aprendizado e vivência. Olhando para trás, vejo boas passagens ou bons ensinamentos. Nada foi em vão. Muitas coisas doeram, porém todas cresceram, e o que me sobrou sempre foi a coragem de tentar de novo.